

ETHOS POR MEIO DOS INTERDISCURSOS NA CRÔNICA DE CARPINEJAR

Victor Hugo da Silva Vasconcellos¹

Resumo: As manifestações discursivas revelam a essência de cada enunciador, bem como suas intenções com que enuncia. As marcas discursivas trazem à tona os interdiscursos dessa manifestação. Esta pesquisa procura levantar os interdiscursos que emergem na crônica "Venha, por favor" de Fabrício Carpinejar como um exercício de análise a partir dos estudos de Dominique Maingueneau na linha de Análise do Discurso Francesa. Como metodologia, busca-se analisar o discurso amoroso literário da crônica escolhida e fazer o levantamento dos interdiscursos a fim de estabelecer seu ethos discursivo. Como resultado da pesquisa, construir-se-á-se um quadro com os interdiscursos que atravessaram o discurso da crônica e a construção do Ethos do enunciador.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso Amoroso, Ethos.

Abstract: The discursive marks bring to the fore the interdiscourses of this manifestation. This research seeks to raise the interdiscourses that emerge in the short story "Venha, por favor" Fabrício Carpinejar as an exercise of analysis from the studies of Dominique Maingueneau for the line of the French Analysis of the Discourse. As methodology, we seek to analyze the literary love discourse of the short story chosen and mapping of interdiscourses to establish its discursive ethos. As a result of the search, a frame with interdiscourses who crossed the discourse of the shor story and the construction of the Ethos of the enunciator will build up.

Keywords: Discourse Analysis; Loving Discourse; Ethos.

Introdução

O Livro "Espero Alguém" de Fabrício Carpinejar apresenta uma série de crônicas que abordam as etapas de um sujeito que ama mesmo após o desgaste de seu divórcio. O livro está dividido em seções, que abordam desde a esperança até o olhar para os que estão à sua volta. O discurso proferido pelo enunciador é, muitas vezes, reflexivo, triste, saudosista, desnortado e fragilizado. As manifestações discursivas revelam a essência de cada enunciador, bem como suas intenções com que enuncia. As marcas discursivas trazem à tona

¹ Mestrando em língua Portuguesa – PUC-SP. E-mail: victorvasconcellos@uol.com.br

os interdiscursos dessa manifestação que se materializa e gera ou não os efeitos de sentido pretendidos.

Essas manifestações do eu lírico nos textos de Carpinejar remetem ao discurso do sofrimento por amor. O discurso amoroso (doravante DA), aqui recortado entre um homem e uma mulher, pode trazer em sua constituição interdiscursos específicos que possibilitam, por meio da interação, gerar os efeitos de sentido no objeto amado.

Esta pesquisa procura levantar e organizar os interdiscursos que emergem na crônica "Venha, por favor" de Fabrício Carpinejar como um exercício de análise a partir dos estudos de Dominique Maingueneau na linha de Análise do Discurso Francesa (doravante ADf). A metodologia deste trabalho é analisar o DA literário da crônica escolhida e fazer o levantamento dos interdiscursos utilizados para fundamentar seu DA a fim de estabelecer seu ethos discursivo. A fundamentação teórica é a ADf, principalmente Dominique Maingueneau, e contribuições de outros estudiosos dos estudos discursivos como Pecheux e Foucault. Como resultado da pesquisa, construiu-se um quadro com os interdiscursos que atravessaram o discurso amoroso central na crônica de Carpinejar e a construção do Ethos do enunciador de acordo com os efeitos de sentido pretendidos.

1.1 Literatura e discurso constituinte

O corpus a ser analisado é uma crônica literária, já que expõe o ponto de vista do enunciador por meio de um discurso esteticamente construído, isto é, o Discurso Literário. O Discurso Literário (doravante DL) é instaurado como fruto da enunciação e suas condições idiossincráticas, pois a obra literária gerencia suas próprias condições de produção.

Devido à sua instauração por si mesmo como um discurso, legitimando-se e autorizando-se na enunciação, pode-se compreender o DL como um Discurso Constituinte (doravante DC), de acordo com Maingueneau (2012). O DL constrói sua legitimidade ao mesmo tempo em que oferece categorias criativas no momento de sua instauração pelo ato enunciativo, isto é, instaura-se e regra as condições de sua legitimação discursiva.

Os DC's (filosófico, religioso e literário) são autoconstituintes e heteroconstituintes, porque legitimam a si mesmos e constituem outros discursos não constituintes, os quais são atravessados por aqueles. O próprio DC é atravessado por outros DC's embora o discurso em emergência mantenha sua autonomia em relação aos outros. Um discurso só é legitimado quando posto em relação com outros discursos, por isso, esse atravessamento de discursos constrói os mais diversos efeitos de sentido.

Os DC's conferem sentidos de coletividade já que são os detentores do "archeion", arquivo coletivo de um dado campo discursivo. Cada campo apresenta as Formações Discursivas em concorrência, o "archeion" representa mais do que essas formações, pois é como se fosse o universo discursivo dentro de cada campo. Os DC's manipulam e disputam esse "archeion" para se constituírem socialmente.

O DL apresenta essas características porque é construído e instaurado na e pela enunciação no jogo com o "archeion". Legitima-se socialmente por criar suas inscrições: meios de circulação, constituição, enunciação, memória, resgate do arquivo coletivo e criação desse mesmo arquivo.

1.2 Interdiscurso

Para Foucault (2012), o discurso acontece no conjunto de enunciados que apresenta princípios de regularidade a partir de uma Formação Discursiva (doravante FD). As FD's possuem algumas regras próprias, rituais a serem seguidos e uma ou mais ideologias dominantes. O discurso, para ser aceito, deve respeitar esses padrões e regras das FD's às quais pertence.

Dessa maneira, o discurso passa a ser controlado e sua anunciação só terá voz pelo papel representativo do enunciador. Foucault (1996, p. 39) enuncia que "o ritual define a qualificação que deve possuir os indivíduos que falam um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos."

A FD para Foucault estabelece-se por meio de regras de formação para o conjunto particular de enunciados que pertencem a ela. Por meio dessas regras formam-se os objetos, estabelecem-se as modalidades enunciativas e a posição do sujeito. Desse modo, o sujeito enuncia os discursos de acordo com sua(s) FD. Essas FD's formam-se pelos conhecimentos de campos discursivos desse sujeito social, construindo sua formação ideológica. O sujeito está inserido em um dado contexto em um dado campo discursivo, as relações sociais o obrigam a enunciar de acordo com a FD desse campo. Sua identidade é fragmentada de acordo com a necessidade enunciativa. O sujeito de cada discurso busca as FD's necessárias para cada prática social.

Maingueneau (2008) apresenta que a unidade de análise deve partir não do discurso, mas do espaço de trocas entre os discursos escolhidos para atavessar o discurso emergente. Os

Interdiscursos são esses discursos que atravessam o discurso principal e dão pistas da Formação Ideológica do enunciador.

Um discurso só é reconhecido socialmente quando faz relações com outros discursos e assim marca sua posição histórico-social. Partindo-se da não-originalidade do discurso e que todo enunciado remete a outros anteriormente produzidos, faz-se presente a heterogeneidade (mostrada ou constituinte). Dessa feita, pode-se relacionar a memória discursiva com a heterogeneidade do discurso, pois é a partir dela no momento da enunciação que o discurso proferido torna-se coerente e contextualizado para o coenunciador.

O estudo da Análise do Discurso dá-se colocando a especificidade de um discurso em relação a outros discursos, pois somente assim ele se constitui, na Dialogia e na Heterogeneidade. O interdiscurso passa a ser a regularidade, por que os discursos teriam sua identidade estruturada por meio da relação interdiscursiva.

Para Michel Pêcheux (1983), o interdiscurso designa o exterior específico de uma FD a fim de constituí-la e constituir o discurso principal. Embora as primeiras noções de Pêcheux entendam o sujeito como assujeitado às FD's e que os discursos estejam definidos também pelas Formações Ideológicas, a noção de interdiscurso, ou o primado do interdiscurso, é fundamental para a ADf na constituição de sua metodologia de análise.

1.3.1 Análise do corpus

A proposta da pesquisa é identificar o Ethos do enunciador da crônica “Venha, por favor” (anexo I) por meio dos interdiscursos que serão levantados.

O Ethos Discursivo, para Maingueneau (2012) é a imagem do enunciador que se apresenta ao coenunciador por meio do discurso. O Ethos se mostra no ato de enunciação, mas não é materializado no enunciado, isto é, percebido, pois não é o objeto do discurso. O Ethos Dito não necessariamente é o Ethos Mostrado. Por meio da análise da crônica, tratar-se-á de discutir o Ethos que se revela por meio dos interdiscursos no DA.

1.3.2 Termos-chave

A partir da leitura da crônica, estabeleceram-se termos-chave para essa análise. Os termos-chave foram selecionados a fim de se perceber, no espaço discursivo da crônica, em quais outros espaços ou campos discursivos eles poderiam se manifestar de acordo com a

seleção do enunciador no momento da enunciação. A materialidade linguística serviu para o estabelecimento desses termos-chave. Por exemplo, no título da crônica.

“Venha, por favor” – estabeleceu-se o termo-chave: súplica.

Na sequência, constam apenas os termos-chave.

QUADRO I

SÚPLICA	ESPERANÇA	DESEJO
CARÊNCIA	PERSISTÊNCIA	RELACIONAMENTO
CUMPLICIDADE	AMIZADE	FAMÍLIA
CULTURA	EDUCAÇÃO	EMPATIA
HÁBITO	CARINHO	MODA
TURISMO	SEGURANÇA	PSICOLOGIA
GASTRONOMIA	HISTÓRIA	ESPONTANEIDADE
PONDERAÇÃO	BELEZA	HUMILDADE
RESPEITO		AMOR

No Quadro I, já é possível perceber alguns interdiscursos, isso quando o termo-chave representa um campo discurso, não um espaço; como Cultura, Educação, Moda, Psicologia, Turismo, História e Gastronomia. Esses interdiscursos são os outros discursos, de maneira contextualizada para o objetivo do enunciador, materializados no DA do cronista.

Após o estabelecimento dos termos-chave, buscou-se estabelecer, de acordo com a enunciação, relacionar esses termos-chave com os três DC's segundo a visão de Maingueneau (2012): Filosófico, Literário e o Religioso.

Por exemplo, ao selecionar o termo-chave “súplica”, o enunciador está pedindo, suplicando que alguém venha e ainda usa a expressão “por favor” para realçar esse pedido. Essa ação de pedir, suplicar e rogar é muito comum quando se está em oração, rezando a fim de se conseguir uma bênção. Esse termo-chave será marcado como Religioso.

Na sequência, a relação com os DC's.

QUADRO II

PALAVRA	RELIGIOSO	LITERÁRIO	FILOSÓFICO
SÚPLICA	X		
ESPERANÇA	X	X	
DESEJO			X
CARÊNCIA			X
PERSISTÊNCIA	X		
RELACIONAMENTO	X	X	X
CUMPLICIDADE	X		X
AMIZADE	X	X	X
FAMÍLIA	X	X	X
CULTURA		X	X
EDUCAÇÃO	X		X
EMPATIA	X	X	X
HÁBITO	X		X
CARINHO			X
MODA			X
TURISMO			X
SEGURANÇA			X
PSICOLOGIA			X
GASTRONOMIA			X
HISTÓRIA	X	X	X
PONDERAÇÃO			X
BELEZA		X	X

HUMILDADE	X		
RESPEITO	X		X
AMOR	X	X	X

Na sequência, um resumo do quadro II.

QUADRO III

DISCURSO	Nº DE OCORRÊNCIAS
RELIGIOSO	14 (QUATORZE)
LITERÁRIO	09 (NOVE)
FILOSÓFICO	21 (VINTE E UM)

1.3.3 Discussão dos termos-chave

No total, foram estabelecidos 26 (vinte e seis) termos-chave diferentes que emergiram na crônica. O enunciador busca interdiscursos diversos, como da área da Moda (não repetir a mesma roupa), Cultura (orgulho do que o enunciador escreve e bilhetinhos nos livros, por exemplo), Educação (escândalo, indiferença, livros, escrita), Psicologia (irritação, ansiedade), Turismo (viajar), História (tempo, eternidade, acontecimentos) e Gastronomia (cozinhar) para construir seu DA a partir do Discurso Constituinte Literário.

Agrupou-se os termos-chave a) interdiscursos a partir dos campos e b) os termos-chave oriundos de espaços discursivos entre os DC's. O critério de seleção foi buscar relacionar a materialidade linguística do termo com a questão pragmática da enunciação e as representações ideológicas do termo a partir do DA. Relacionou-se, por exemplo, súplica ao Discurso Religioso, pois o enunciador se apresenta como alguém que pede, suplica por alguém; algo muito comum na memória discursiva, no caso do DC - o "arceion", da prece religiosa.

Os DC's atravessam e são atravessados por outros DC's a fim de legitimarem-se. Maingueneau (2012) diz que o Discurso Filosófico é o DC verdadeiramente autoconstituinte, pois é começo e fim de si e dos outros discursos. Um simples exercício de análise para

agrupá-los mostrou que o Discurso Filosófico permeia a memória discursiva, bem como o universo discursivo.

Antes de iniciar a busca pelo Ethos, a partir das observações, apresenta-se um quadro com os interdiscursos que atravessam o discurso da crônica.

QUADRO IV

CULTURA	EDUCAÇÃO	MODA	TURISMO
PSICOLOGIA	GASTRONOMIA	HISTÓRIA	RELIGIOSO
AMOR	FILOSÓFICO	LITERÁRIO	FAMILIAR

1.3.4 Em busca do Ethos

Após o levantamento e agrupamento dos termos-chave, podem-se perceber os diversos interdiscursos levantados pelo enunciador a fim de conseguir adesão por meio da cenografia apresentada. Os vinte e seis termos remetem a uma divisão de quatro movimentos da crônica e da enunciação:

a) o primeiro movimento é o de “Súplica” – pedido que, no título, cria-se a imagem de um enunciador que se mostra como alguém que está precisando dessa pessoa por quem chama.

b) o segundo movimento é o de “Esperança” – os períodos da crônica começam, em sua maioria, pela expressão “Espero alguém” completada por orações subordinadas adjetivas restritivas, indicando simples acontecimentos do dia-a-dia de um casal. Demonstra a esperança de concretizar essas ações com alguém por quem espera.

c) o terceiro movimento é o de “Contrato” – o desejo e a esperança caracterizam também uma visão de contrato, uma exigência sobre a pessoa que virá. Apresenta uma idealização da pessoa desejada.

d) o quarto movimento é o de “Destruição e ressurreição” - no final da crônica, há a revelação do porquê da súplica por meio do trecho “*espero alguém que me ensine a me amar porque a separação apenas vem me ensinando a me destruir*”. Há a súplica para que venha

logo, acrescentando algumas locuções adverbiais temporais. Para não mais se destruir, o enunciador diz que quer se tornar novamente necessário.

A partir dos quatro movimentos da crônica em sua enunciação e os interdiscursos que a atravessam, pôde-se perceber que o Ethos do enunciador se apresenta como um homem sofrido por conta da separação, mas que tem esperanças de encontrar alguém para quem ele se torne novamente necessário.

1.3.5 Últimas considerações

Este exercício de análise pôde proporcionar o percurso de seleção, proposição e categorização dos termos-chave. A finalidade foi relacionar os interdiscursos para se estabelecer o Ethos Discursivo do enunciador. O discurso a ser estruturado foi o Discurso Amoroso intrinsecamente ligado ao Discurso Constituinte Literário. Algumas questões são levantadas.

O Discurso Literário apresenta particularidades que outros discursos podem não apresentar, como a questão delicada do Ethos. O Ethos discursivo, para Maingueneau (2012), é constituído pelo Ethos Pré-Discursivo e o Ethos Discursivo (Dito e Mostrado). Ao analisar o Ethos da crônica, temos apenas a enunciação de um eu-lírico que emerge para apresentar seu discurso ornado. O Ethos Pré-Discursivo apresenta-se como elemento zero. Ao não se ter o Pré-Discursivo, não existe uma referência desse enunciador, restando apenas o material linguístico para a análise de sua imagem.

Discutir a constituição do Ethos por meio dos Interdiscursos torna-se também um desafio, pois os Interdiscursos estão relacionados com a seleção ideológica do enunciador e a maneira como estabelece as relações no mundo, são essas relações que permeiam seu discurso, permitindo ao analista projetar essa Formação Ideológica no enunciador sem o resgate do Pré-Discursivo. Não há retomada, confirmação e projeção. Apenas há uma idealização desse Ethos e sua projeção por meio do material linguístico. Portanto, o levantamento dos interdiscursos do texto serviu para construir-se uma rede de relações do enunciador que possivelmente consta no imaginário desse eu-lírico enquanto estava casado, ele revela, pois, estar divorciado no momento da enunciação.

Uma alternativa para preencher algumas lacunas discursivas ou, melhor dizendo, ampliar as potencialidades de análise do texto, poder-se-iam agregar ou escolher outras



categorias de análise. Seguindo Maingueneau (2012), pode-se explorar, por exemplo, a Paratopia e Imagem do Autor, em se tratando de corpora literário. É um objeto de estudo do professor Maingueneau o Discurso Literário, algo relevante para os analistas do discurso. O Discurso Amoroso pode também apresentar categorias próprias de análise, como o Discurso Político, por exemplo. Este artigo foi uma tentativa de elencar algumas dessas peculiaridades.

O Discurso Amoroso, mesmo entre um homem e uma mulher, apresenta questões específicas pragmáticas e na superficialidade do texto. A crônica em questão é um discurso que, por meio da superfície do texto, apresenta um “grito de esperança” por parte do enunciador e o desejo de encontrar alguém. No plano mais profundo, suas intenções são de usar esse mesmo discurso de sofrimento para se aproximar de uma mulher, ou seja, sedução. Assim como os discursos em geral, a sedução (neste caso sexual) é a real intenção do embate discursivo.

O Discurso Amoroso, mesmo quando não é literário típico, apresenta ornamento em sua constituição. Como é um discurso de sedução, o ornamento facilita a aproximação com o sujeito amado. Dessa feita, a linguagem é constituída para o Amor, no Amor e com Amor. Uma linguagem antiga, presente e futura para os seres humanos, apenas reinventando-se a cada época e contexto social.

A questão da sedução não é apenas convencimento, e sim propor uma união íntima e quase sempre duradoura. No Discurso Político, por exemplo, convence-se o adepto, o partidário; já no Discurso Amoroso, convence-se, persuade-se o amante. Uma relação de maior duração do que um mandato e mais íntimo do que reuniões no gabinete. O que move esse discurso é o desejo. Por ceder aos desejos mais íntimos, o enunciador busca moldar seu discurso para concretizar seu amor.

O Discurso Amoroso, por meio de sua articulação e ornamento, deve criar um espaço discursivo apazível e seguro para os sujeitos compartilharem suas emoções. Para sua fluidez, os sujeitos devem colaborar para que o discurso possa emergir. Para isso, o sujeito sedutor deve constituir elementos discursivos para a possibilidade de emergir seu Discurso Amoroso sem que o sujeito seduzido negue-se a ouvi-lo. Sem a cooperação para sua emergência, ele (o discurso) não conseguirá ajustar-se a fim de tornar real a concretização amorosa.

Último ponto aqui abordado é a reversibilidade discursiva do Discurso Amoroso. Conseguindo-se a cooperação por meio de seus mecanismos, o processo de sedução se ajusta a cada resposta do sujeito seduzido. E dessa forma é inflamado e constituído a cada situação

discursiva. Realmente, o conceito de linguagem como um jogo fica evidente no processo de sedução. O Discurso Amoroso não pode ser unívoco, caso contrário não seria um discurso amoroso.

Concluindo, o Discurso Amoroso é um campo profícuo no campo dos estudos discursivos. Com isso, apontaram-se aqui alguns questionamentos e uma análise que buscou cruzar os conceitos da ADf com um texto concreto da Literatura brasileira. Os pontos em aberto merecem ser refletidos e as considerações sobre o Discurso Literário e o Discurso Amoroso poderiam ser repensados à luz de outras correntes ou a criação de novas categorias a fim de que se possa conhecer mais sobre esses discursos e suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. (Coleção Pesquisas). 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- CARPINEJAR, Fabrício. Venha, por favor. IN: CARPINEJAR, Fabrício. *Espero Alguém*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- FIORIN, Jose Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996
- _____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Dozes conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- _____. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2012.
- ORLANDI, Eni. *Análise do discurso - princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 311-318.

ANEXO I

Venha, por favor

Eu espero alguém que não desista de mim mesmo quando já não tem interesse.

Espero alguém que não me torture com promessas de envelhecer comigo, que realmente envelheça comigo.

Espero alguém que se orgulhe do que escrevo, que me faça ser mais amigo dos meus amigos e mais irmão dos meus irmãos.

Espero alguém que não tenha medo do escândalo, mas tenha medo da indiferença.

Espero alguém que ponha bilhetinhos dentro daqueles livros que vou ler até o fim.

Espero alguém que se arrependa rápido de suas grosserias e me perdoe sem querer.

Espero alguém que me avise que estou repetindo a roupa na semana.

Espero alguém que nunca abandone a conversa quando não sei mais falar.

Espero alguém que, nos jantares entre os amigos, dispute comigo para contar primeiro como nos conhecemos.

Espero alguém que goste de dirigir para nos revezarmos em longas viagens.

Espero alguém disposto a conferir se a porta está fechada e o café desligado, se meu rosto está aborrecido ou esperançoso.

Espero alguém que prove que amar não é contrato, que o amor não termina com nossos erros.

Espero alguém que não se irrite com a minha ansiedade.

Espero alguém que possa criar toda uma linguagem cifrada para que ninguém nos recrimine.

Espero alguém que arrume ingressos de teatro de repente, que me sequestre ao cinema, que cheire meu corpo suado como se ainda fosse perfume.

Espero alguém que não largue as mãos dadas nem para coçar o rosto.

Espero alguém que me olhe demoradamente quando estou distraído, que me telefone para narrar como foi seu dia. Espero alguém que procure um espaço acolchoado em meu peito.

Espero alguém que minta que cozinha e só diga a verdade depois que comi.

Espero alguém que leia uma notícia, veja que haverá um show de minha banda predileta, e corra para me adiantar por e-mail.

Espero alguém que ame meus filhos como se estivesse reencontrando minha infância e adolescência fora de mim. Espero alguém que fique me chamando para dormir, que fique me chamando para despertar, que não precise me chamar para amar.

Espero alguém com uma vocação pela metade, uma frustração antiga, um desejo de ser algo que não se cumpriu, uma melancolia discreta, para nunca ser prepotente.

Espero alguém que tenha uma risada tão bonita que terei sempre vontade de ser engraçado.

Espero alguém que comente sua dor com respeito e ouça minha dor com interesse.

Espero alguém que prepare minha festa de aniversário em segredo e crie conspiração dos amigos para me ajudar. Espero alguém que pinte o muro onde passo, que não se perturbe com o que as pessoas pensam a nosso respeito. Espero alguém que vire cínico no desespero e doce na tristeza.

Espero alguém que curta o domingo em casa, acordar tarde e andar de chinelos, e que me pergunte o tempo antes de olhar para as janelas.

Espero alguém que me ensine a me amar porque a separação apenas vem me ensinando a me destruir.



Espero alguém que tenha pressa de mim, eternidade de mim, que chegue logo, que apareça hoje, que largue o casaco no sofá e não seja educado a ponto de estendê-lo no cabide. Espero encontrar uma mulher que me torne novamente necessário.